

J. Brasil - 7.5.65

FZU, fev. 80

RN 85

Parque
73

8-8-59

A CRÔNICA de Rubem Braga

O Livro da Môça

ABRO a máquina unguido de boa vontade: vou escrever uma crônica sobre o livro da môça. Afinal de contas a gente, de vez em quando, precisa fazer uma gentileza. A môça é bonita, simpática, inteligente e escreve bem.

Folheio o livro. Os poemas são bem feitos, em geral curtos, e de inegável bom-gosto. As vêzes um pouco herméticos. Sempre exprimem alguma coisa, ou sugerem; mas é raríssimo encontrar nêles um verdadeiro poder de emoção. São poemas, se me permitem a palavra (que vai no seu sentido mais trivial) "distintos". Bem comportados, sem o menor derrame ou cafajestismo, escritos com um nobre pudor e uma sábia economia de palavras.

Seria fácil elogiá-los. Mas acontece que estou frio. Os versos são arrumadinhos e discretos; não há nenhum lugar-comum. Acho que se poderia falar mesmo em elegância de estilo. Parece que a môça se preocupou um pouco em "condensar" — mas nem sempre teve o quê.

Chego à varanda. O mar arremete com vagas furiosas, esplêndidas. Respiro o vento acre de maresia. Não escreverei sobre o livro da môça. Que outros o elogiem; é fácil e, provavelmente, justo. Mas a força e o tumulto dessa ressaca, a grande raiva generosa dessas espumas ferventes, o galope selvagem desse vento, tudo isso me deixou incompatível com o livro da môça.

Dois meninos estão na calçada olhando o mar. Há muita gente apreensiva com a ressaca, temendo pelos edifícios. Um menino aponta uma onda, grita alguma coisa, ri. Eu sei: ele está torcendo pela ressaca; todos os meninos do mundo são a favor das ressacas e das enchentes.

Aquêles dois estão felizes, os pés molhados pela espuma. Uma coisa não tem nada a ver com outra — mas não escreverei sobre o livro da môça.

incompatibilizado